

INSCRIÇÃO RUPESTRE SOBRE O TEJO¹

Inscription rupestre sur le fleuve Tagus

José d'Encarnação²



Palavras-chave: *Tagus*, inscrição rupestre, *Ochus*

Mots-clé: *Tagus*, inscription rupestre, *Ochus*

¹ Vista da localização da inscrição sobre fotografia tirada nos anos 70 do séc. XX por autor não identificado (cedida pelo Senhor Alexandre Martins).

² Professor catedrático aposentado. Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP). jde@fl.uc.pt. Este estudo insere-se na linha de investigação "Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages" do CEAUCP.

Resumo

A inscrição TAGVS OCVS F, gravada numa penedia na margem alcantilada do rio Tejo, em Fratel (Vila Velha de Ródão), é passível de reportar-se aos tempos romanos e, para além da menção do nome do rio, pode ter sido gravada por alguém de nome *Ocus* ou por alguém que apenas quis dizer que o rio, ali, corria veloz. Opta-se pela primeira hipótese.

Résumé

On lit, à Fratel (Vila Velha de Ródão), TAGVS OCVS F sur la surface d'un rocher, sur un versant, à la rive droite du Tage. Le tout paraît bien romain. Le nom du fleuve est évident; *Ocus*, par contre, peut être un adjectif du fleuve, «véloce» (du grec 'okús'), ou le nom du berger (?) esclave qui a fait l'inscription. On préfère la deuxième hypothèse.

Ali, junto da estação do caminho-de-ferro de Fratel, a paisagem é soberba e convida à meditação. O Tejo passa lá ao fundo; pela encosta meridional, na margem esquerda, as oliveiras alinham-se, arrumadinhas, numa veneração ao caudal que lhes passa em baixo. Dizem-me que a Câmara de Nisa paga a um barqueiro para trazer as gentes na barca, de lá para cá e de cá para lá, quando querem apanhar o comboio para a capital, que por ali fica mais cómoda a viagem. Ainda se vêem, rio acima, largos trechos do caminho da sirga... Vila Velha de Ródão, a sede do concelho de que Fratel é freguesia, fica mais para montante; e, a jusante, a barragem que começou a funcionar em 1973, não sem que antes, mormente em 1971, os arqueólogos estudassem as gravuras rupestres pré-históricas que as águas acabariam por cobrir. A povoação, Fratel, essa fica lá bem no cimo, alcandorada, e é preciso subir por estrada ínvia e íngreme.

Sítio propício, pois, para, um dia, olhando o rio e a beleza das suas margens, alguém – na sequência, quiçá, das gravuras rupestres de milénios atrás, que admirara – quisesse, em tempo de Romanos, deixar ali marca da sua passagem – tal como, hoje, não resistimos a gravar o nome naquelas plagas que nos fascinam!...

E, tal como nós de novo, a marca que deixamos é enigmática, ou seja, quase só para nós, como se esperássemos a todo o momento voltar ali e sorrirmos: «Cá está! Foi esta a marca que eu deixei. Ainda se não apagou!».

Tive essa sensação – e que o leitor me perdoe a extensão do 'prelúdio' – quando, a 16 de Maio de 1989, entrei numa gruta de Great Abaco, uma das 700 ilhas do arquipélago das Bahamas, para decidir da veracidade do desenho de uma «caravela portuguesa» gravada com a data de... 1460!... Pelos anfractuados recantos da gruta havia juras de amor («Tom loves Mary»...) de gente que, mui provavelmente, não mais ali haveria de voltar – como eu...

Isso poderá ter acontecido com as letras que se divisam na referida Barroca dos Ulmeiros e que visitei, a 21 de Agosto de 2002, em companhia e a convite de Francisco Henriques e de Luísa Filipe. João Caninas desta feita não pudera ir. No entanto, foram eles quem, vinte anos antes (como o tempo voa!...), deram conhecimento dessa «inscrição gravada por percussão num afloramento de xisto, existente na encosta do vale do Tejo sobranceira ao local das gravuras rupestres de Fratel».³ A fotografia que ora se apresenta, na capa, onde vem assinalado o local da epígrafe foi por eles cedida – e agradeço-lhes a gentileza, bem como o convite (cuja resposta fui adiando...) para estudar a epígrafe.

Trazem desenho (estampa VI, que se reproduz na Fig. 1), mas não dão qualquer interpretação nem lhe atribuem cronologia.

A minha leitura desses caracteres feitos a picotado na rocha não difere da que os seus descobridores apresentaram e as fotografias (feitas de ângulos ligeiramente diferentes) que então fiz não permitem adiantar muito mais (Figs 2 e 3).

³ HENRIQUES (Francisco), CANINAS (J.C. Pires) & HENRIQUES (António), «Levantamento de algumas gravações antigas sobre rocha do Sul da Beira Interior», *Beira Alta*, XLI, 3, 1982, p. 703-715. De resto, já dois anos antes, em *Preservação* 3 1980, órgão da Associação de Estudos do Alto Tejo, Francisco J. R. Henriques e J. C. Pires Caninas se haviam referido à epígrafe no texto «Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (I)».

INSCRIÇÃO RUPESTRE SOBRE O TEJO

José d'Encarnação

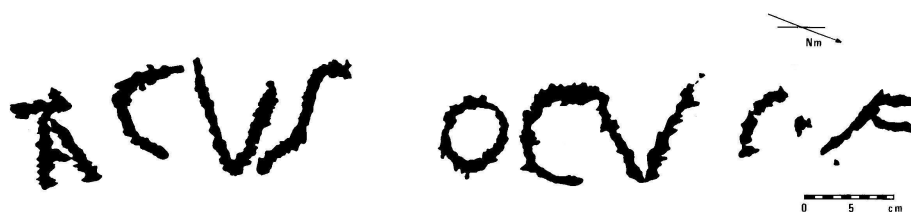


Figura 1. Decalque da inscrição executado por F. Henriques e J. Caninas (HENRIQUES, CANINAS & HENRIQUES, 1982).



Figura 2. Fotografia da inscrição (tirada pelo autor).



Figura 3. Outra vista da inscrição rupestre (tirada pelo autor).

Assim, deve dizer-se, em primeiro lugar, que, para além de podermos estar perante palavras latinas, a possibilidade de o escrito remontar à época romana se nos afigura plausível, inclusive pela paleografia: o nexa TA inicial, ainda que corrente em períodos posteriores, é de uso entre os Romanos;⁴ a circularidade do O; o traçado simétrico do segundo V e mesmo a cursividade do S bem alongado.

O A aparenta ter uma barra muito ténue. A seguir, teremos um G em jeito de C mas com um leve prolongamento para baixo, a lembrar o nº 5 da fig. 9 indicado por BATTLE (*o. c.*, p. 12), enquanto o primeiro V lembra o nº 3 da fig. 22 do mesmo autor e o segundo a forma 1 (p. 16). Ambos os SS, por seu turno, se aproximam, pelo seu carácter alongado e esguio, das formas cursivas e têm paralelo no abecedário cursivo de Alburnus (Dácia) apresentado pelo mesmo autor (p. 9, fig. 2). O C, apesar de superiormente ser quase de traçado horizontal, a tocar o V, tem um desenho muito semelhante do do nº 5 da fig. 5 de BATTLE (p. 11) e o F final corresponde perfeitamente ao exemplo 6 documentado no citado abecedário. Pela paleografia – embora se saiba quanto este critério é falível – poderia datar-se, pois, de primórdios do século III da nossa era.

⁴ Veja-se BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, p. 20.

Considero a existência de duas palavras, porque na concavidade que a rocha faz entre o S e o O nada me leva a crer ter existido qualquer letra que a erosão (mormente da água da chuva) pudesse ter levado, até porque o espaço interliterar é, aí, suficientemente amplo.

Lê-se, pois:

TAGVS OCVS F

Altura das letras: ACV = 9; S = 10; O = 7,5; C = 10,3; V = 10; S = ?; F = 7.

A tentação de ler *Tagus* é real e a ela não haverá muitos argumentos para resistir. A hipótese de um L ter desaparecido e, de seguida, se ler LOCVS continua a ser aliciante, ainda que não passível de confirmação no estado actual da superfície rochosa. Certo é que *ocus* por si só seria vocábulo deveras enigmático. Claro que a sua interpretação como eventual antropónimo acarretaria o desdobramento do F final em F(*ecit*), «fez», de significado muito mais natural do que, por exemplo, F(*uit*), «foi», «esteve». Considerar *ocus* quatro siglas é forçado, pois, nessa circunstância, como se prestava a confusão, o lapicida teria gravado pontos entre cada letra, dado que até tinha espaço para isso.

Que a primeira palavra seja interpretada como o nome do rio que ali corre não parece suscitar dúvida. O que fica por saber é de que tipo de inscrição se trata e que mensagem quis o seu autor transmitir aos vindouros ou mesmo aos homens da sua geração. Esclarecer que este rio se chama *Tagus* não oferece grande verosimilhança, pois se trata de curso de água assaz conhecido em toda a sua extensão. Indicar que, em determinada ocasião, as águas do rio chegaram até ali – como hoje, de resto, é hábito mais a jusante, por ocasião das cheias nas lezírias – era uma hipótese, se lêssemos F(*uit*) com o significado de «esteve», as águas chegaram aqui (e até nos apeteceria reconstituir [H]OC, «este», para dizer 'este sítio', este 'nível'); e há, de facto, possibilidade de isso acontecer numa cheia maior, pois, como João Caninas e Francisco Henriques me fizeram notar, se observarmos bem a fotografia dos anos 70, verifica-se que o plantio de oliveiras está em geral acima daquela cota, indicando, talvez, o risco que seria plantá-las em cotas inferiores.

Apesar disso, imagináramos, antes, pastor que, um dia, ali sentado, enquanto o rebanho pascia, sereno, pelas encostas, se entreteve a martelar a penedia. O Tejo deslumbrava-o, como hoje ainda nos deslumbra: e fixou-lhe na pedra o nome. Depois, quis deixar o seu testemunho; e que poderia escrever de mais adequado que o nome por que era conhecido, seguido da sigla cujo significado já bem conhecia: F(*ecit*)? E, em vez de usar as letras capitais dos monumentos, preferiu o que era mais usual, alongando o F pelo espaço remanescente, num gesto de tranquila serenidade, que o rebanho pascia sem sobressaltos nem correrias... Que nome seria o seu: *Ocus*? Porque não? Um diminutivo do quotidiano, a corruptela de um antropónimo mais solene ou mesmo *Ocus*, a latinização do grego $\Omega\kappa\upsilon\varsigma$ ('okús'), que detém, para um pastor, o sugestivo significado de «veloz», «ligeiro», como nome ou como alcunha?...

Fui, pois, por aí e a investigação deu sobejos frutos. Já, por exemplo, María de Lourdes Albertos, ao estudar a antroponímia pré-romana, aludira ao vocábulo 'okús', de etimologia indo-europeia, atribuindo-lhe precisamente esse significado de 'veloz'.⁵ Com a grafia *Ochus*, mais próxima do

⁵ ALBERTOS FIRMAT (M^a Lurdes), La Onomástica Personal Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética, Salamanca, 1966, p. 248.

original grego, o antropónimo identifica, em Roma, um escravo, registando-se também aí a grafia *Ochis*, igualmente como nome de escravo.⁶

E não ficaram por aqui as surpresas! Consultei, para o efeito, a Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva, eminente helenista da Faculdade de Letras de Coimbra, que, à pergunta «se o adjectivo grego 'okús' seria frequente na literatura, nomeadamente para qualificar divindades», prontamente me respondeu, por correio electrónico, a 28-12-2009, o que muito lhe agradeço:

«Em primeiro lugar – e servindo muito bem os teus objectivos – é uma palavra com uma grande aplicação; mais do que um adjectivo comum (usado para animais, navios, astros, rios; ou também para as qualidades humanas, como a inteligência, por exemplo), é um epíteto consagrado de deuses e heróis (dos deuses Ares, Íris; mas sobretudo, como te dizia pelo telefone, próprio de Aquiles 'de pés velozes', e nesse sentido uma palavra permanente na *Iliada*).

«Nessa qualidade de epíteto, presta-se a inúmeras composições, em que o grego é fértil. Do tipo: 'de passo veloz', aplicado às Erínias; 'de corrida veloz', usado para as Ninfas; 'de sandálias velozes', para Hermes, o mensageiro dos deuses; 'de palavra veloz, ágil', aplicado a Apolo; 'sujeito a uma morte veloz, precoce', aplicado também a Aquiles.»

Por conseguinte, algo que parecia, à primeira vista, de somenos interesse, vem a assumir, na verdade, um contributo deveras elucidativo, porque sintoma de um nível cultural não despreciando, por parte de quem ao escravo (permita-se-nos que assim o interpretemos) este nome quis chamar.⁷

Optaria, pois, por traduzir assim:

«Tejo. Ocus fez».

Que é como quem diz:

«Este é o Tejo. Fui eu, Ocus, quem isto escreveu».

Claro que, chegados a este ponto do raciocínio, poderíamos ainda voltar a interrogar-nos: e porque não a afirmação de que, ali, o Tejo, em determinada ocasião, foi veloz – *Tagus ochus fuit* – e provocou estragos?

Enfim, torna-se difícil optar na tentativa de desvendarmos a singela e bem sintética mensagem que ali jaz há séculos, adormecida e perene. Para mim, porém, que emudeci perante a magnificência da paisagem, não ousou pensar num Tejo mortífero ali, violento, a galgar margens, a arrebatam colheitas, a arrancar árvores... Prefiro imaginar o zagal a saborear o tempo no compassado bater do ponteiro a gravar letras sobre o penedo onde se sentara, para seu deleite – sem suspeitar, sequer, que, um dia, os investigadores se haveriam de interrogar acerca do que, na dolência daquela tarde, ele despreziosamente ali quisera gravar...

⁶ CIL VI 36 515 e 35 962, respectivamente, referidos em SOLIN (Heikki), *Die Griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin – Nova Iorque, 1982, p. 1305.

⁷ Anote-se que se trata da primeira ocorrência registada deste nome na epigrafia peninsular, quanto eu conheça. Por outro lado, não se poderá deixar de relacionar o antropónimo com outros passíveis de serem tidos como formados a partir dele: *Exochus*, *Antiochus*, *Diadochus*...